

O CARNAVAL DE MARAGOGIPE-BA COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL DA BAHIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O CRESCIMENTO DO TURISMO CULTURAL

Erick Gomes Conceição

Graduando em Geografia, pela
Universidade do Estado da Bahia-Campus V- e-
mail: gomesrms@hotmail.com

Resumo: O carnaval é uma das festividades mais importantes que se tem registro, pela sua especificidade e valor histórico, pois estudos apontam que esta festa tem seu início desde o ano 3000 a.C. Na cidade de Maragogipe, acontece um carnaval um tanto quanto diferente do que ocorre na capital baiana. Os mascarados e as marchinhas são as principais marcas da festa carnavalesca da cidade. Diante de sua importância cultural, o IPAC (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural) registrou o carnaval de Maragogipe como Patrimônio Imaterial da Bahia no ano de 2009, estando no livro de registro três, que abrange as celebrações. Nessa perspectiva, este trabalho se propõe a identificar até que ponto esse registro contribuiu para o aumento da atividade turística no período festivo. Como procedimentos metodológicos, fez-se leitura de autores clássicos e contemporâneos que tratam das temáticas estudadas, a fase de campo, na qual fez-se entrevistas, observação *in lócus*, e a análise de fotografias. A pesquisa identificou que após o registro em patrimônio imaterial da Bahia, houve uma massificação na divulgação da festa e em consequência um aumento significativo no número de turistas e visitantes.

Palavras-Chave: Carnaval, Patrimônio Imaterial, Turismo Cultural

Introdução

O carnaval é uma das festividades mais antigas e importantes para a manutenção da cultura popular. Alguns estudiosos acreditam que a festividade teve seu início cerca de 3000 a.C em grupos culturais diversificados.

A festividade no Brasil teve seu início com o entrudo, que eram brincadeiras violentas em que o cenário festivo se assemelhava a uma guerra de água, urina, limão, farinha e afins. Este tipo de festividade foi proibido e as diferentes regiões foram incorporando costumes específicos nos jeitos de brincar, como por exemplo, no Rio de Janeiro tem-se o carnaval das escolas de samba e o carnaval popular de rua. Em Salvador observa-se a presença dos trios elétricos e em Recife e Olinda, nota-se que o carnaval se caracteriza pelo frevo.

Os carnavais se enquadram na categoria de patrimônio imaterial, por ser uma celebração festiva. Categoria esta que não teve atenção nos últimos tempos, pois as

políticas públicas só se direcionavam para a categoria material. Com o intuito de valorização e identificação das manifestações culturais, o IPHAN¹ cria o instituto de registro de bens culturais sendo regido pelo Decreto 3.551/2000.

O carnaval de Maragogipe foi registrado como patrimônio imaterial da Bahia no ano de 2009. Diante disso, este trabalho se justifica, pois se propõe a identificar a contribuição desse registro para a fomentação do turismo cultural no período do carnaval local.

Para melhor obter resultados, alguns caminhos metodológicos foram adotados. A leitura de autores clássicos e contemporâneos como GONÇALVES (2003), MAIA (1999), HASBAERT (2012), SEBE (1986), HALL (2006), ROBERTSON (2007), entre outros. Na etapa de campo foi feita entrevista com cinco moradores locais, o critério de escolha foi à importância histórica que os mesmos detêm para a festividade e participantes ativos. Como a pesquisa é qualitativa não foi necessário um número amostral grande. A observação da festividade foi muito importante, pois pôde-se observar a dinâmica que a mesma detém e foi possível construir um acervo fotográfico, que enriqueceram a discussão.

Observou-se que o registro do carnaval em patrimônio imaterial da Bahia, ocasionou modificações estruturais para a festa. O marketing promovido pelo poder público local e estadual junto com empresas privadas foi massificado com o registro e conseqüentemente isso contribuiu para a crescente do turismo cultural na festividade.

1. Carnavais: uma breve discussão

Discutir a origem da festividade carnavalesca torna-se um tanto quanto complicado, devido as mais variadas raízes que esta festividade tem origem. E por que não dizer que cada sociedade teve o seu carnaval? Tanto no Egito antigo, como na Europa Medieval, sociedades indígenas, grupos culturais africanos, todas estas tem indícios de que praticavam uma festividade que se assemelhavam ao carnaval.

O carnaval ou os carnavais, tendo em vista as mais variadas representações que esta festividade tem no espaço, é uma das festas populares mais importantes que se tem registro atualmente. Ela vem constantemente se reinventando de acordo com as dinâmicas globais.

¹ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Existe uma vertente que relaciona a festa carnavalesca, com seu início no antigo Egito, e relaciona as suas práticas, como sendo um culto a deusa Ísis. Ela era a protetora da natureza e os homens e mulheres se reuniam para cultua-la, estas reuniões se davam no período de plantio e colheita e os pedidos eram em favor de obtenção de fartura. “Segundo remotas tradições, os mortais deveriam dançar, brincar, festejar muito para que as sementes crescessem e os frutos fossem bons”. (SEBE,1986, p.10).

Depois desse momento festivo e de exteriorizar os prazeres do corpo, era preciso retornar a vida cotidiana e a manter a sobriedade. Em função disso, Ísis assassinava o seu marido Osíris, retomando assim a ordem.

Na Grécia e em Roma, o sentido do carnaval era parecido com o praticado no Egito, pois a alteração da rotina e saciar os prazeres da carne eram centrais na realização da festa. A briga entre dois deuses, Apolo como sendo harmonizador e mantedor da ordem contra Dionísio (Baco nos cultos romanos) que aparece como o desorganizador da sociedade, o extravasador. O culto a Dionísio permitia quebrar algumas barreiras e paradigmas, era permitido durante três dias embebedarem-se com muito vinho e saciar os prazeres, principalmente os sexuais.

O carnaval brasileiro teve origem nos carnavais ibéricos, indígenas e africanos. Diante disso, pode-se concluir que a festa carnavalesca do Brasil é “híbrida”. Considerando Hibridismo segundo a concepção de Hasbaert, (2012).

Para exemplificar hibridismo das identidades sociais num contexto (pós) colonial culturalmente tão rico e nuançando como o latino-americano, não é apenas um instrumento de ruptura com a “unidade” cultural do colonizador, desterritorializando tanto grupos hegemônicos (num nível mais atenuado) quanto subalternos (num nível muito mais violento), mas representa também uma forma de resistência/reterritorialização às vezes bastante rica, recriando, pela mistura, novas formas de construção indenitário-territorial (p. 31).

A festividade carnavalesca no Brasil é resultado de ações de vários agentes sociais. Esta “mistura” fez com que surgisse um carnaval diferenciado e que juntasse elementos destes grupos culturais em uma festividade só. Como por exemplo, o carnaval de Maragpgipe em que pode-se presenciar mascarados ao estilo

Veneziano tocando Agôgôs², este talvez seja um retrato muito claro deste hibridismo do carnaval brasileiro.

O carnaval do Brasil colonial era representado pelo Entrudo. Essa manifestação se caracterizava por serem um tanto quanto violentas, as ruas se tornavam um verdadeiro espaço de guerra. Os brincantes arremessavam uns nos outros objetos diversificados como: ovos, urina, talco, limões, verduras. Com o passar dos tempos, essa prática foi sendo coibida pelo poder público, com relação a essa proibição Sebe (1989) contribui quando ele diz que:

No Rio, ainda que não unanimemente, fica estabelecido a data de 1853 como uma espécie de momento de definição nacional da festa momística. A “certidão de batismo” do carnaval, em regra, é considerada a portaria baixada pelo chefe de polícia do Rio de Janeiro proibindo o entrudo pelas suas repercussões agressivas (p.55).

A partir dessa modificação estrutural no carnaval brasileiro, a festa vai se reinventando, adquirindo assim novas formas e sentidos para os brincantes. É nesse contexto que os primeiros bailes de máscaras vão surgir, primeiramente no Rio de Janeiro. O carnaval de salão agrada a burguesia do país, que passa a frequentar a festa nos lugares fechados, acompanhados sempre com máscaras oriundas dos carnavais europeus, como por exemplo, os carnavais da França e Itália, e a massa trabalhadora vão frequentar os carnavais de rua, tem-se então, uma segregação socioespacial.

Em meados do século XX o carnaval dos salões começa a se enfraquecer e as festas carnavalescas de rua, ganham destaque e vão se fortalecendo. A partir desse momento os carnavais de algumas cidades como Salvador, Recife, Olinda e o Rio de Janeiro, começam a adquirir suas especificidades. O carnaval da capital baiana se caracteriza principalmente pelos trios elétricos que arrastão multidões ao som do axé e pagode. Divididos nos circuitos Dodô e Osmar, Dodô corresponde aos bairros de Barra e Ondina e Osmar os bairros do Campo Grande e Praça Castro Alves. O carnaval carioca é caracterizado pelo carnaval popular de rua e das escolas de samba, esses desfiles ocorrem no sambódromo localizado na Av. Marquês de Sapucaí no bairro Santo Cristo. Os carnavais de Recife e Olinda se caracterizam pelo ritmo do frevo, que são músicas instrumentais tocadas

² Instrumentos de percussão de origem africana, muito utilizados nos rituais de candomblé.

rapidamente, sendo dançadas com um guarda-chuva com tamanho reduzido e bem colorido.

Os carnavais são festividades de extrema importância para a manutenção da cultura popular. O carnaval de Maragogipe é uma das festas mais importantes da Bahia, diante disso no ano de 2009 o IPAC registrou esta festividade como sendo patrimônio imaterial da Bahia, estando nos livros de registro três que corresponde às celebrações festivas. Sobre o conceito de patrimônio imaterial iremos discutir no próximo capítulo.

2. Patrimônio Cultural: um enfoque para o imaterial

Este capítulo do trabalho se debruça a discutir o conceito de patrimônio cultural, dando enfoque maior a sua face imaterial. Procura-se entender algumas questões históricas sobre o desenvolvimento deste conceito e como ele é aplicado atualmente. É importante deixar evidente que não é de intenção engessar ou esgotar esta discussão, mas fazer algumas reflexões.

Para entender o conceito de patrimônio cultural, precisamos primeiramente definir o que se entende por estas palavras. Entende-se por patrimônio como sendo algo de posse, de pertencimento e entende-se por cultura como sendo os modos de vida, os códigos que diferenciam os diversos grupos culturais.

Não é de intenção desconsiderar o caráter processual da história, mas a primeira vez que utilizou-se o termo patrimônio foi na França, no auge da Revolução Burguesa do século XIX, como medida de reduzir a depredação das edificações e objetos de valor histórico que tinham na cidade. Parte daí uma ideia um tanto quanto equivocada, por muito tempo só se considerou as edificações e bens concretos como sendo patrimônio cultural. Como bem coloca Sant'Ana (2003):

No mundo ocidental, portanto, o patrimônio, durante muito tempo, foi associado unicamente a coisas corpóreas, já a preservação, a uma prática constituída de operações voltadas para a seleção, proteção, guarda e conservação dessas coisas (p.48).

Esta concepção esteve presente por muito tempo no imaginário da sociedade, sobretudo a ocidental. Diante disso as políticas públicas desenvolvidas para promover a preservação e valorização do patrimônio cultural, se direcionarão

exclusivamente para as edificações e objetos valorativos. Diante disso, como incluir as manifestações culturais nesse grupo de patrimônio? Por que as imaterialidades não foram valorizadas assim como as materiais? Quando se começou a discutir as manifestações imateriais como sendo patrimônio?

As heranças culturais deixadas por nossos antepassados, não se manifestam apenas como grandes casarões ou objetos, mas sim os modos de fazer e as festividades principalmente. Talvez estas questões demoraram tanto para entrar em discussão, pois os agentes que exerciam a hegemonia não viam significância em esta preservando e perpetuando determinadas manifestações que ocorriam em grupos culturais considerados minoritários, o objetivo era homogeneizar e o preservar estas celebrações de certa forma iriam fortalecer estes grupos.

O oriente, mas precisamente o Japão foi o país que primeiramente chamou a atenção para a valorização das manifestações culturais, segundo Sant'anna (2003):

Essa nova percepção não surgiu, contudo, de uma reflexão europeia e ocidental, mas da prática de preservação oriunda de países asiáticos e do chamado Terceiro Mundo, cujo patrimônio, em grande parte, é construído de criações populares anônimas (p.49).

A partir daí, o ocidente começa a discutir o que seria o patrimônio imaterial, através da UNESCO³. Que organizou a Convenção do Patrimônio Mundial, Natural e Cultural em 1972. A discussão sobre a flexibilização do conceito de patrimônio cultural vai ser aceita, resultando em um documento que o divide em imaterial e material, referente a isso Gonçalves (2003) diz que:

Recentemente, construiu-se uma nova qualificação: o "patrimônio imaterial" ou "intangível". Opondo-se ao chamado "patrimônio *de pedra e cal*", aquela concepção visa a aspectos da vida social e cultural dificilmente abrangidos pelas concepções mais tradicionais (p.24).

A Conferência de 1972 foi um grande avanço nas discussões sobre esta temática, mas da reunião até as políticas públicas incisivas nessa nova categoria, é

³ Organismo das Nações Unidas especializado em Cultura, Educação e Ciência.

um longo processo, mas o campo ainda está muito abrangente, o que de fato seria este patrimônio imaterial? Como se dará esta preservação? Gonçalves (2003) nos responde com muita propriedade estas questões, quando ela afirma que:

Nessa nova categoria estão lugares, festas, religiões, formas de medicina popular, música, dança, culinária, técnicas etc. Como sugere o próprio termo, a ênfase recai menos nos aspectos materiais e mais nos aspectos ideais e valorativos dessas formas de vida. Diferentemente das concepções tradicionais, não se propõe o tombamento dos bens listados nesse patrimônio. A proposta é no sentido de “registrar” essas práticas e representações e de fazer um acompanhamento para verificar sua permanência e suas transformações (p.24).

No Brasil a constituição de 1988 foi bastante influenciada pelas concepções do poeta Mario de Andrade, que em 1936 considerava o patrimônio imaterial, como sendo os contos, lendas, e manifestações de cultura popular. Diante disso a constituição de 1988 no artigo 216 considera como patrimônio imaterial:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

- I. as formas de expressões;
- II. os modos de criar e fazer viver;
- III. as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
- IV. as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas-culturais;
- V. os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL,1988).

As discussões já estão mais amadurecidas e as definições de patrimônio imaterial estão mais consistentes e as políticas públicas em prol desta categoria, vão sendo aplicada cada vez com mais frequência. Para melhor gerir esta questão o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), cria o livro de registros sendo regido pelo Decreto 3.551/2000 que divide os bens imateriais em quatro, são eles:

- 1) Saberes: conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- 2) Formas de expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

- 3) Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- 4) Lugares: mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas (BRASIL,2000).

Essa subdivisão é um grande avanço para os direcionamentos das políticas públicas. Mas qual será o real sentido de se registrar um patrimônio imaterial? Qual a intenção do poder público com esse registro? Sobre a importância do registro Pelegrini e Funari (2008) dizem que:

Dessa maneira, os cidadãos envolvidos vão se sentir valorizados por meio dos ofícios artesanais, das receitas culinárias, das bebidas medicinais e dos saberes de suas comunidades e, com certeza, serão motivados a transmitir esses conhecimentos às próximas gerações (p.103).

De certa forma o processo de registro de um bem imaterial, irá ocasionar em uma valorização do bem registrado, tanto por parte dos moradores locais quanto dos visitantes e turistas que irão conhecer essa manifestação cultural. Mas precisamos refletir que o processo de registro não implica que as tradições serão transmitidas, pois diante da dinamicidade do mundo contemporâneo, nada assegura que as novas gerações se identifiquem e queiram perpetuar o bem registrado.

Outra faceta que pode estar implícita neste registro é o caráter de mercantilização da cultura. O registro pode ser apenas um título, um rótulo e o intuito da preservação do patrimônio imaterial pode ter a primeira intenção de colocar a manifestação em um outro patamar, criando uma hierarquia e em consequência desenvolver um *marketing*, acima desse título, referente a isso Castriota (2009) afirma que:

...essa democratização do campo do patrimônio acontece simultaneamente à sua transformação em mercadoria, inserindo-se na lógica da indústria cultural: os bens culturais, além de propiciarem “saber e prazer” passam agora a ser também “produtos culturais”, “empacotados e distribuídos para serem consumidos (p.104).

O professor Castriota traz uma discussão muito interessante e que precisa ser pensada com cuidado. Diante da afirmação dele pode-se dizer que o registro de patrimônio imaterial é um “selo de qualidade”, que atesta o potencial cultural/econômico de um patrimônio cultural, logo ele é rentável e investimentos nesta manifestação é um ótimo negócio.

Uma das consequências do processo de registro de uma festividade é o potencial turístico que a mesma adquire após o título. Ela está em um campo mercadológico de um tipo de turismo que está em constante crescimento atualmente, principalmente nos últimos quinze anos: o turismo cultural. Este conceito será discutido no próximo capítulo.

3. Turismo Cultural

Com a redução da carga horária de trabalho, uma conquista das constantes lutas dos operários no cerne das fábricas por volta do final do século XIX, a classe trabalhadora conquistou um maior tempo livre e de ócio. A dinâmica do capital se apoderou deste tempo de descanso do trabalhador e o reverteu em tempo de consumo e lazer. Com o advento de técnicas o homem pôde se deslocar no espaço geográfico com mais facilidade e rapidez, referente a isto, HALL (2006), nos diz que:

A globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado (p.67).

Segundo o autor, a globalização promoveu o encurtamento de distâncias, possibilitando assim que o homem possa estar se deslocando de seus locais de origem para outros, com menor tempo e de maneira mais flexível, já que meios de transportes como aviões e automóveis surgiram e foram sendo especializados.

A junção destes fatores fez surgir o que se chama de “turismo”, que é uma atividade econômica que está em constante crescimento no mundo. O conceito vem sendo muito discutido sempre com bastante dificuldade, pela sua dinamicidade. Glucksmann foi o primeiro teórico a conceituar turismo no ano de 1929, quando essa

prática ainda era bastante restrita, sendo realizada apenas por famílias que detinham um poder aquisitivo elevado.

Contudo em 1942, Hunziker e Krapf conceituaram turismo de uma forma mais elaborada, dizendo que: “O conjunto de relações ou fenômenos originados pelo deslocamento e permanência de pessoas fora de seu local habitual”. Segundo os autores o ato de se deslocar do seu espaço de vivência é uma prática de turismo, mas não é o ato por si só e sim o conjunto, englobando também as relações estabelecidas nesses deslocamentos.

A Organização Mundial do Turismo (OMT) que é uma organização das Nações Unidas responsáveis por tratar das questões do turismo no mundo define a atividade turística como sendo segundo a OMT, 1970:

O conjunto de atividades desenvolvidas por pessoas durante as viagens e estadias em locais situados fora do seu ambiente habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, por motivos de lazer, de negócios e outros.

Pode-se perceber que a OMT já “afunila” mais o conceito de turismo, quando ela estabelece que para ser considerado turista o indivíduo tem que estar fora de seu ambiente cotidiano por um período que não ultrapasse um ano, seja por lazer ou a trabalho.

Turismo então pode-se definir como sendo a atividade realizada nos dias de ócio, em um local distante dos locais de hábitos cotidianos, no qual o indivíduo passe mais de 24 horas no local visitado. Esse turismo pode ser realizado dentro da própria cidade ou em outros países.

O turismo no Brasil se popularizou a partir da década de 50 do século passado, sendo impulsionado pela redução da carga horária de trabalho feito por Getúlio Vargas. O turismo nesse contexto ainda era caracterizado como uma atividade elitista, os meios de transportes nesta época eram restrito para a maioria dos brasileiros. A partir dos anos 80 do século passado, esta atividade se popularizou no Brasil e passou a ser um turismo de massa. “Esta modificação ocorreu graças ao desenvolvimento do tráfego aéreo e do barateamento de vôs internacionais” (ROBERTSON, 2007, p.41).

A atividade turística é uma das mais importantes para a movimentação de capital. “O turismo ocupa hoje papel relevante na economia mundial, situando-se

entre os três maiores produtos geradores de riqueza- 6% do PIB global- só perdendo para a indústria de armamentos e de petróleo” (RODRIGUES, 2001,p.17).

Esta atividade vem se desenvolvendo e se especializando e despertando a atenção de esferas públicas e privadas, pela sua capacidade de obtenção de lucro. Pode-se associar a prática do turismo como consequência da globalização. Diante disso, vários tipos de turismo vêm surgindo no mundo, este é diferenciado em função da intenção do turista ao visitar o local.

O local onde o turismo é desenvolvido passa por uma modificação espacial estruturante, pois toda a dinâmica vai ser modificada para atender as necessidades do turista. Referente a essas modificações espaciais, Da Silva (2007) nos traz que:

O desenvolvimento de uma atividade turística em sítios urbanos históricos implicaria, pelo menos , três aspectos: o bom estado de conservação das obras e das construções, a existência de hotéis, restaurantes e guias de turismo e a interligação à rede de transportes nacional (p.37).

A Globalização atual está em uma fase que tenta padronizar o mundo, sob a forte influência dos Estados Unidos. Diante disso surge o Turismo Cultural, que de certa forma se opõe ao turismo que chamam de “Praia e Sol”. É uma modalidade da atividade turística que mais cresce no mundo. “De acordo com dados da Organização Mundial do Turismo (OMT) em 1995, 37% das viagens foram definidas como culturais, o que representa 199 milhões de pessoas” (PÉREZ, 2006, p.108).

O turismo cultural é uma alternativa para quem foge das padronizações do mundo e tem interesse em conhecer manifestações culturais ou edificações históricas que não são oriundas de seus locais de origem. Segundo Urry (1990) Apud Pérez (2006)

vivemos numa sociedade pós-moderna na qual prevalece uma tendência para a nostalgia, que se manifesta numa atracção nostálgica pelo património cultural, entendido como representação simbólica da cultura, sendo esta uma das mais fortes motivações para a prática do turismo cultural.(p.113).

Segundo o autor o turismo cultural é uma forma de se voltar no tempo e matar a saudade de práticas que não lhe são mais comuns em seu cotidiano. Mas, este não é o único motivo que levam os turistas a praticar o turismo cultural, a curiosidade de conhecer manifestações culturais que julgam “diferente” também é

um grande motivo para o crescimento desta prática. O conhecer o outro é instigante, o participar de uma manifestação no qual nunca tinha visto anteriormente, o sentir-se participante daquela cultura nem que seja por algumas horas e ter a convicção que não só existe o seu grupo cultural no mundo, participar de outra cultura, para a quebra de paradigmas, o saciar a curiosidade.

O local destino de pessoas que procuram o turismo cultural, sempre tem um *marketing* que trabalha encima de uma especificidade da cidade ou da região, está é um atrativo para que desperte a curiosidade do turista. Diante disso, De Sá (2007), nos diz que:

A construção de uma imagem para uma localidade turística é fundamental para que possa atrair os turistas. O mercado é altamente competitivo e os planejadores sabem que precisam chamar atenção de seu consumidor em potencial através de uma imagem que seduza que o faça desejar ir para aquele lugar especificamente, apesar de todas as outras opções existentes no planeta (p.57).

Diante disso, o Carnaval de Maragogipe tem a grande concorrência com a festa carnavalesca de Salvador-BA. O carnaval da capital baiana é um dos mais conhecidos do mundo, pelos seus trios elétricos. Isso faz com que o poder público de Maragogipe, atue veemência na promoção da festividade para atrair o turista.

Pode-se perceber que o turismo cultural de certa forma contribui para a mercantilização da cultura. Pois uma vez sendo roteiro turístico, a festividade ou edificação que é palco principal receberá fundos e ações de preservação com o intuito de estar sendo vendida cada vez mais com um valor mais alto. Os próprios moradores locais fazem questão de preservar a festividade por ser rentável. Todas as ações promovidas a fim de preservar uma festividade ou conjunto de edificações urbanas históricas são para continuar a perpetuar a atividade turística, um grande exemplo é a reforma no Pelourinho em Salvador, que teve a maioria dos casarões reformados, pois ali é um circuito importante do turismo cultural na capital baiana.

Este fenômeno está sendo percebido no carnaval de Maragogipe, após o registro em patrimônio imaterial da Bahia, a festividade carnavalesca da referida cidade está recebendo cada vez mais turistas, esta problemática será discutida no próximo capítulo.

4. O carnaval de Maragogipe como patrimônio imaterial: uma estratégia para a fomentação do turismo cultural?

De acordo com a nova regionalização do Estado da Bahia, a cidade de Maragogipe se encontra inserida no Território de Identidade do Recôncavo Baiano. A região dispõe de resquícios de Mata Atlântica e uma vasta reserva de manguezal, a cidade é o ponto de encontro do rio Paraguassú e Guai.

No tocante ao início da festividade carnavalesca do município, os estudiosos e historiadores locais não sabem ao certo, mas especula-se que a festividade tenha se iniciado a partir do século XIX. Diferentemente do carnaval da capital baiana a festa carnavalesca de Maragogipe não tem como marco maior a presença dos trios elétricos e blocos, mas sim os mascarados que são chamados de “caretas” e a presença das marchinhas dos carnavais antigos.

Alguns historiadores locais atribuem o carnaval da cidade como sendo originário da cidade italiana Veneza. Articulando as máscaras com a musicalidade e formas de brincar dos povos africanos e indígenas que compõe o “caldeirão cultural” que a cidade de Maragogipe o carnaval local adquire novas formas de brincar, essa afirmação se comprova quando observa-se as caretas tocando instrumentos de origem do candomblé, como exemplo o agogô.

O carnaval da cidade era realizado nas ruas, quem brincava a festa eram pessoas que não tinham um poder aquisitivo elevado. Os brincantes utilizavam o próprio recurso natural que o município dispõe para ir festejar, as pessoas se sujavam com a lama do mangue e saíam brincando pelas ruas.

Influenciado pelos carnavais europeus, a partir do século XX a nova burguesia da cidade deseja brincar o carnaval, e para não estar no mesmo espaço que a população mais pobre, o carnaval dos bailes fechados ganha destaque na cidade, como afirma o entrevistado um:

“Aqui em Maragogipe é o seguinte, com a implantação da indústria do fumo, aí nós tínhamos uma separação social muito grande, o que era operário e o que era capitalista então a sociedade maragogipana, fazia essa separação e essa separação chegou até a excluir nessa parte da festa, porque os alemães, por exemplo, criaram a rádio clube, que era um clube para eles jogarem boliche, depois terminou sendo um local pra eles brincarem o carnaval...”]

A partir daí o carnaval de Maragogipe se torna uma festa segregada socioespacialmente, a inserção do salão representa a divisão de classes na festividade local, logo pode-se concluir que aspectos do cotidiano não são esquecidos com a festividade carnavalesca.

Com a inserção do trio elétrico em meados do século XX, o carnaval da cidade vai se modificar na forma de brincar e na sua espacialidade. Os bailes vão entrar em decadência e a burguesia vai às ruas, brincar. Mas os burgueses estão escondidos por traz das máscaras carnavalescas, vestidos de careta era quase impossível reconhecer quem está por traz da fantasia.

A festa que antes acontecia em toda malha urbana da cidade com a inserção do trio elétrico se resumirá a os circuitos igualmente a festa de Salvador.

A festividade que antigamente ia até o brincante agora não existe mais, quem mora nas ruas mais distantes dos bairros: Areal, Praça Felipe de Melo, Enseada e Caijá, têm dificuldades para brincar na festa. Pois estas ruas citadas anteriormente constituem a nova configuração espacial do carnaval da cidade, pois com a especialização dos trios elétricos cada vez maiores as dificuldades de circulação nas ruas que são estreitas se tornaram difícil.

O brincante do carnaval da cidade, espera a festividade o ano todo, como bem coloca o professor Carlos Maia (1999), que a festa é um momento esperado, a fala do entrevistado três contempla muito bem esta ansiedade pela espera da realização da festividade, quando ele diz que:

“O carnaval de Maragogipe para mim em palavras é muito difícil de tentar explicar, por que o carnaval de Maragogipe você tem que viver, você tem que tá aqui, sentir aquela expectativa toda que a gente cria durante quase que o ano todo em reuniões, principalmente meu grupo no caso, reuniões para ver que tipo de fantasias vai criar, como vai ser esses detalhes pequeno e aquela expectativa que vai chegando, a ansiedade que é natural.”

Na fala do entrevistado fica explícito que para descrever o carnaval da cidade palavras não contemplam e sim a experiência de estar vivendo o momento da festividade, de sentir o carnaval, de brincar, pular, só assim poderá definir o local. As palavras faltaram a ele por que a emoção toma conta, o mesmo deixou claro que o carnaval não está presente só nos três dias de comemoração da festa, o ato de planejar e discutir a fantasia já são carnaval para ele, na medida em que a

festividade vai se aproximando a ansiedade toma conta, pois nenhum carnaval é igual ao outro e novas surpresas acontecem com o passar das festividades.

Diante da sua importância cultural o IPAC registrou o carnaval de Maragogipe como patrimônio imaterial da Bahia, no ano de 2009. A festa se enquadra no livro de registros três que abrange as celebrações. Diante disso, será que este registro contribuiu para a fomentação do turismo cultural? Os sentidos da festa mudaram?

O registro desta festividade modifica as bases estruturais. Sabe-se que diante da “americanização” do mundo, um mercado que está em constante crescimento é o turismo cultural. Cada vez mais pessoas estão à procura de manifestações “exóticas”, para estarem contemplando e fugindo de sua realidade que na maioria das vezes as consideram um tanto quanto maçante e monótona. O processo de *marketing* da festa é uma forma de estar atraindo o turista, e percebe-se que após este registro o poder público local e estadual tem dado bastante atenção nesta questão.

No carnaval carioca de 2012, a escola de samba Portela homenageou a Bahia e teve uma ala especial destinada a festa carnavalesca de Maragogipe. Acredita-se que esta tenha sido uma grande forma de divulgação do carnaval da cidade, pois os desfiles cariocas são transmitidos em rede nacional e internacional para vários países.

Figura 1: Ornamentação do carnaval de Maragogipe no ano de 2012, referenciando a escola de samba Portela.



Fonte: CONCEIÇÃO, 2012.

Após o registro o carnaval local entrou no programa do governo do Estado denominado “Outros Carnavais”, que é um incentivo financeiro as festas carnavalescas que detenham uma especificidade, realizadas em outras cidades. O investimento feito na festividade foi de R\$ 295.000,00 para ornamentação,

divulgação, contratação de atrações e montagem da estrutura física que compõe o cenário festivo.

No ano de 2011 o Carnaval de Maragogipe teve sua divulgação sendo feita em alguns países da Europa. Segundo a secretária de comunicação do Estado, esta ação envolveu a Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, esta ação faz parte do programa “Faz Cultura”, que tem como intuito promover o enriquecimento cultural do Estado, através de incentivos fiscais e de divulgação. Na ocasião foliões vestidos a caráter do carnaval de Maragogipe distribuíram panfletos pelas ruas de Madrid, Lisboa e Paris.

Todos estes acontecimentos influenciaram a leitura que os moradores locais têm da festividade. Alguns moradores enxergam este novo momento que a festividade esta passando como uma ótima forma de obtenção de lucro e divulgação em massa. Pode observar claramente estas afirmações nas falas dos entrevistados três e quatro, quando eles dizem:

“Os órgãos competentes tem que incentivar mais o público ir mesmo as ruas de fantasia de máscara para participar mais do carnaval, para que o carnaval seja vendido mesmo, de maneira comercial por que é um carnaval rentável é uma coisa que atrai e se for bem divulgado ele gera recurso ele se paga” (Entrevistado três).

“A maioria das pessoas de Maragogipe não perceberam o potencial desse título para poder ganhar algum dinheiro encima disso e poder conseguir algo a mais para sua renda familiar e por conta disso algumas pessoas acabam se perguntando para que serve esse título ? Não é assim, tem que pensar além, não pode pensar que o título é um título de copa do mundo e ponto final, mas ele é algo a mais, você pode ganhar muito mais com ele ao longo dos anos e a cada ano que passa, você conseguindo preservar a sua tradição e fazendo com que as pessoas tenham consciência que essa tradição deve ser preservada e pode também ser comercializada aí você tem um potencial muito grande no carnaval de Maragogipe, se as pessoas começarem a entender essa questão” (Entrevistado quatro).

Diante das falas expostas, pode-se perceber o desejo de venda da festa e em consequência uma mercantilização da cultura, o entrevistado três chama a atenção dos poderes públicos locais para que incentivem os moradores locais a saírem mascarados, para que chamem mais a atenção dos turistas. O entrevistado quatro coloca que a população local tem que se conscientizar e tirar proveito deste registro, e que se a tradição for mantida ela será mais vendida, pois o “diferente” é o que atrai os turistas e visitantes e que estes são os responsáveis pela circulação de capital na festa.

Em função do registro da festividade em consequência houve uma intensa divulgação da festividade. Diante disso, a quantidade de turistas e visitantes que vem a cidade contemplar e participar do carnaval de Maragogipe tem aumentado significativamente a cada ano que passa as figuras quatro e cinco, traz um quadro comparativo entre a festa no ano de 2002 e 2012.

Figura 2: Carnaval no ano de 2002.



Fonte: Chiquinho, 2002.

Figura 3: Carnaval no ano de 2012



Fonte: CONCEIÇÃO, 2012.

Pode-se perceber através das imagens que apesar de ambas estarem em ângulos diferentes, tratam do mesmo espaço, as duas abrangem o fundo da Igreja Matriz de São Bartolomeu. Durante esses dez anos o número de turistas aumentou com bastante intensidade, enquanto que na figura dois só há a presença de mascarados, figura na cinco, quase que os caretas não são percebidos, formando assim, uma nova configuração espacial. O poder da mídia e da divulgação é muito forte, pois através delas os turistas e visitantes ficaram conhecendo a festividade, com relação a essa divulgação e aumento da quantidade de turistas, os entrevistados três e cinco completam dizendo que:

E a gente percebe nesses últimos anos, justamente por essa massificação da propaganda o aumento do fluxo de turista na cidade (entrevistado três).

A quantidade de turista aumentou, pois teve divulgação a prefeitura não tinha condições de divulgar, com essa divulgação veio gente do mundo inteiro (entrevistado cinco).

Os moradores locais atribuem essa massificação de turista que a festa vem tendo a intensa divulgação da festa. O entrevistado cinco atribui ao poder Estadual a divulgação da festa, pois segundo ele a prefeitura não teria condições de fazê-la. A

tendência é que os números aumentem, pois o capital gerado pelos turistas na festa é bastante significativo, com isso as divulgações irão aumentar, principalmente por parte dos visitantes que vieram e pretendem retornar, o famoso “boca-a-boca”, que é a informação passada de uma pessoa para outra, deve-se considerar que esse processo de modificação estrutural que a festa está passando é relativamente recente.

A Título de Conclusão

No presente trabalho, identificou-se que após o registro em patrimônio imaterial da Bahia, o carnaval de Maragogipe vem passando por intensas mudanças estruturais. Alguns moradores enxergam esse registro como uma importante forma de obtenção de renda, pois o turista representa o consumo.

É perceptível que a divulgação do carnaval de Maragogipe está sendo feita com uma intensidade maior. A festividade carnavalesca da cidade, está inclusa em um projeto governamental denominado “Outros Carnavais” que dá apoio as festividades que acontecem fora da capital baiana, isso resultou em uma verba de cerca de R\$295.000,00 para investimentos no carnaval local.

Outro projeto governamental, denominado “Faz Cultura” que tem como principal objetivo a divulgar as manifestações culturais, incluiu o carnaval de Maragogipe neste projeto, e o divulgou em países como Espanha, Portugal e França. Aliado a estes fatos, a escola de samba carioca Portela, homenageou a Bahia em seu tema e dedicou uma ala especial ao carnaval de Maragogipe. Todos estes fatores contribuíram para que houvesse um número maior de turistas na festividade, principalmente a partir do ano de 2009, ano que o carnaval foi registrado como patrimônio imaterial da Bahia.

Deve-se pensar de forma crítica diante desse registro ocorrido na festividade de Maragogipe, até que ponto este registro foi importante para o carnaval local? O processo de massificação do turismo cultural irá descaracterizar a festividade carnavalesca local? Será que esse processo causará um “estranhamento” da população de Maragogipe para com a festividade? O processo de registro é uma forma de segregar as festas que tem potencial turístico e as que não têm?

Referências

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos-** Belo Horizonte: IEDS, 2009.

DA SILVA, Maria da Gloria Lanci, **Turismo Cultural E Desenvolvimento Urbano.**In: SOUZA, Regina, Mousinho, De Sá (org). Turismo Cultural: novos desafios. Salvador. Unifacs, 2007. P.25-40.

DE SÁ, Natalia Coimbra, **O Discurso da Baianidade e sua Utilização Pelos Orgãos de Turismo na Bahia.** In: SOUZA, Regina, Mousinho, De Sá (org). Turismo Cultural: novos desafios. Salvador. Unifacs, 2007. P.55-68.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O Patrimônio como categoria de pensamento.**In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.) Memória e Patrimônio. Ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 46-55.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade:** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HASBAERT, Rogério. **Hibridismo Cultural, “ antropofagia” identitária e transterritorialidade.** In: BARTHE-DELOIZY, Francine. SERPA, Angelo Szaniecki Perret. Visões do Brasil Estudos culturais em Geografia. Salvador: EDUFBA. 2012. P.27-46.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. **Ensaio Interpretativo da Dimensão Espacial das Festas Populares Proposições sobre Festas Brasileiras.** In: ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA, Roberto Lobato. Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. P.191-218.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. **Turismo Cultural: uma visão antropológica.** Tenerife, RTPC, 2006.

ROBERTSON, Margaret Hart. **A Participação Democrática e o Turismo Cultural: escutando a voz do povo.** In: SOUZA, Regina, Mousinho, De Sá (org). Turismo Cultural: novos desafios. Salvador. Unifacs, 2007. P.41-54.

RODRIGUES, Adyr Balasteri. **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais-3ed-** São Paulo, Hucitec, 2001.

SANT'ANNA, Marcia. **A face imaterial do patrimônio cultural os novos instrumentos de reconhecimento e valorização.** In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.) Memória e Patrimônio. Ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 46-55.

SEBE, José Carlos. **Carnaval, Carnavais.** São Paulo. Ática,1986.

Referências Eletrônicas

OMT, Estatuto da Organização Mundial de Turismo. 2 de janeiro de 1975. <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Turismo/estatuto-da-organizacao-mundial-de-turismo.html> acessado em 22/09 às 28:45

BRASIL. Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil. 2000. Decreto n. 3.551- de 4 de Agosto de 2000. <http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2007/10/decreto-3551.pdf> acessado em 24/09/2012 às 23:16

Carnaval de Maragogipe é divulgado em Paris, Lisboa e Madri. Salvador, 21 de Setembro de 2011. http://www.comunicacao.ba.gov.br/noticias/2011/09/21/carnaval-de-maragogipe-e-divulgado-em-paris-lisboa-e-madri/print_view acessado em 26/09/2012 às 22:13